

UM OLHAR SOBRE A REVISTA DE ANTROPOFAGIA (1928-1929)

ARNALDO DARAYA CONTIER¹
COORDENAÇÃO E ORGANIZAÇÃO

Cibele Mariana
Joana Azambuja
Rafael Rodrigues
Zilma Carvalho²



Resumo: Neste artigo procuramos identificar o papel da Revista de Antropofagia na sociedade brasileira do início do século XX como parte importante do Movimento Modernista.

Abstract: In this article we try to identify the paper of *Revista de Antropofagia* in the Brazilian society of the beginning of century XX as important part of the Modernism.

Palavras-Chave: Modernismo; Antropofagia; Semana de 22; Oswald de Andrade.

Keywords: Modernism; Antropofagia; Semana de 22; Oswald de Andrade.

Revista de Antropofagia. - Ano 1 - nº 1 - primeira página

¹ Professor da disciplina Cultura e Artes: abordagens histórico-antropológica.

² Alunos do curso de Mestrado do Programa de Pós-graduação em Educação, Arte e História da Cultura da Universidade Presbiteriana Mackenzie.

O Modernismo

“O modernismo foi um movimento internacional que surgiu quase simultaneamente em vários países europeus. Pode ser entendido como um reflexo dos efeitos da modernização na vida sócio-cultural, no comportamento e na psicologia individual. Entendemos por modernização o processo decorrente da II Revolução Industrial que gerou fenômenos de urbanização, industrialização crescente, ampliação de serviços, escolarização, valorização do ócio e do lazer e notáveis mudanças nas esferas científicas, tecnológicas e ideológicas.” (GONZAGA, 2004)

O Modernismo teve início na Europa ainda no século XIX, contudo a efetiva manifestação de novas concepções de vida e de arte foi mais evidente nas três primeiras décadas do século XX, quando se verificou um forte confronto entre o novo e tudo aquilo que representava a tradição, isto é, as formas culturais e ideológicas do passado.

Vários movimentos surgiram para a constituição da chamada Modernidade Artística, nas artes de uma forma geral, como o Expressionismo, o Cubismo, o Dadaísmo, o Surrealismo e o Futurismo. Este último surge com seu líder Filippo Tommaso Marinetti (1867-1944), começou por um manifesto publicado no jornal “Le Figaro” em Paris (1909); exalta a imagem de um novo mundo, onde o ser dominante é o homem superior, o homem máquina que deveria desprezar a cultura do passado.

Especialmente na linguagem literária, não enquanto ideologia, mas sim como um projeto estético renovador, o Futurismo torna-se importante – para seu criador e seus seguidores – para destruir a velha retórica e o discurso literário tradicional – eles são fascinados por uma aventura: a construção de uma linguagem nova e contestadora das convenções.

O Futurismo dá impulso decisivo na arte de vanguarda no Brasil. Ele é o principal estímulo artístico e intelectual para os jovens renovadores de São Paulo, a tal ponto que os mesmos serão conhecidos – durante os primeiros anos da década de 20 – como os “futuristas”, mais do que como modernistas.

O movimento modernista no Brasil significou uma renovação completa de todo o campo artístico brasileiro a partir da década de 1920, tendo uma maior influência, principalmente, na

literatura. Antes disso, as convenções literárias eram completamente passadistas, havia um formalismo muito grande, porém o movimento modernista se opôs a esta visão.

MOVIMENTOS E TENDÊNCIAS MODERNISTAS NO BRASIL

A Semana de Arte Moderna de 22 marca a ruptura entre a arte do “passado” e a moderna. Mas este processo não ocorreu de forma repentina: “(...) ele passou por uma espécie de período embrionário, ou gestação, que durou cerca de dez anos. Isso quer dizer que, a partir de 1911, várias atividades culturais começaram a questionar a arte praticada na Academia Brasileira de Letras, até então considerada intocada, gerando assim o clima necessário para a realização da Semana de Arte Moderna. Portanto, para melhor compreender o que foi A Semana de Arte Moderna, é necessário fazer uma breve retrospectiva dos episódios que a antecederam” (Modernismo, 2005)

1911 – Oswald de Andrade e Emílio Menezes fundam a revista “O Pirralho”, que satirizava de forma irreverente alguns textos consagrados da nossa literatura.

1912 – Oswald de Andrade retorna de sua primeira viagem à Europa, traz consigo idéias Cubistas e Futuristas. Escreve com versos livres o poema *Passeio de um tuberculoso, pela cidade, de bonde*. Sua visita a Europa foi importante, pois conheceu a técnica do verso livre por Paul Fort, este fato lhe cria o sentimento de necessidade de recriar as artes brasileiras.

1913 – Lasar Segall, pintor russo vivendo no Brasil, expôs pinturas Expressionistas. Este evento, mesmo representando ruptura com o passado, teve pouco impacto nos meios artísticos.

1914 – Anita Malfatti, com o Expressionismo, também faz sua primeira exposição.

1915 – Anita Malfatti viaja aos Estados Unidos e tem contato com o Cubismo. Neste mesmo ano, é lançada a Revista *Orpheu* em Portugal, com Ronald Carvalho, um dos agitadores da Semana de Arte Moderna.

1917 – Ano marcante para Semana de Arte Moderna, período em que se tornam amigos Mário e Oswald de Andrade, os dois principais ativistas da organização da Semana de 22. Neste ano também foram publicadas obras com inovações de linguagem: *Há uma gota de sangue em*

cada poema (livro de Mário de Andrade com o pseudônimo de Mário Sobral); *Juca Mulato*. (poema regionalista de Menotti Del Picchia); *Nós*. (obra de Guilherme de Almeida); *A cinza das horas*. (livro de Manuel Bandeira); *Memórias sentimentais de João Miramar* (a revista *O Piralho* publica o artigo de Oswald de Andrade). E o que propulsiona a organização da Semana de 22 foi a exposição de Anita Malfatti com 53 trabalhos de tendência Cubista, que foi fortemente criticada por Monteiro Lobato.

1918/1919 – São publicadas várias obras de autores que viriam a participar da Semana de Arte Moderna. Dentre elas destacam-se *A dança das horas* e *Messidor* de Guilherme de Almeida. Manuel Bandeira publica *Carnaval*, já fazendo uso do verso livre. Além disso, o crítico Andrade Muricy publica o ensaio *Alguns Poetas Novos*, no qual comenta a decadência do Parnasianismo e do Simbolismo.

1920 – O grupo modernista descobre o escultor Victor Brecheret, que retornou a São Paulo depois de ter estudado em Roma. Brecheret expõe a maquete do Monumento às Bandeiras, provocando nova efervescência entre os jovens Modernistas. A presença de Brecheret foi tão marcante que Mário de Andrade chegou a afirmar: “Victor Brecheret, para nós, era no mínimo gênio.”

1921 - No dia 9 de janeiro, realizou-se um banquete no Palácio Trianon para comemorar o lançamento da obra *As máscaras*, de Menotti Del Pichia. Nesse evento, Oswald de Andrade faz um discurso criticando os autores passadistas e exaltando a arte moderna; no Recife e no Rio de Janeiro, Vicente do Rego Monteiro expõe seus quadros; entre agosto e setembro, Mário de Andrade publica no "Jornal do Comércio" a série *Mestres do Passado*, na qual analisa a poesia de autores consagrados do Parnasianismo. Ainda nesse ano Oswald de Andrade publica um artigo no qual chamava Mário de Andrade de "meu poeta futurista", isso porque ele leu os originais de *Paulicéia Desvairada*, livro que seria publicado no ano seguinte e representaria o primeiro livro de poemas modernistas brasileiro. Em novembro acontece a exposição *Fantoches da Meia-Noite* de Di Cavalcanti. Durante a mostra, o pintor conhece Graça Aranha, que havia retornado da França, e surge a idéia de realizar a Semana de Arte Moderna.

A manifestação vanguardista que marca, como fato histórico, o surgimento do movimento modernista no Brasil, foi dado pela "Semana de Arte Moderna", que aconteceu no Teatro

Municipal de São Paulo, em fevereiro de 1922. A programação idealizada por jovens artistas estava impregnada pelas idéias da vanguarda européia, especialmente as do Futurismo.

Após a semana de 22, surgem algumas revistas, grupos e tendências, entre eles estão, as revistas de arte: Klaxon 1922 – SP; Estética 1924 – RJ; Revista 1925 – MG e Madrugada 1925 – RS. Entre os movimentos e tendências temos o: Movimento Pau-Brasil, lançado em 1925 por Oswald de Andrade; o Movimento Verde e Amarelo e Grupo Anta, liderado por Cassiano Ricardo, Menotti Del Picchia, Plínio Salgado e outros.

Porém, em maio de 1928, foi publicado o manifesto de maior importância para a compreensão da identidade cultural brasileira da época: o Manifesto Antropófago, publicado por Oswald de Andrade no primeiro número da Revista de Antropofagia. O Manifesto apresentava as premissas que uniam um grupo de intelectuais do qual faziam parte o poeta Raul Bopp e a artista plástica Tarsila do Amaral e fundava naquele momento Movimento Antropofágico.

O MOVIMENTO ANTROPOFÁGICO

Como vimos, o Modernismo foi uma tendência que indicava a necessidade de renovação e a crença de que era possível uma superação constante baseada na idéia de modernidade contra a tradição. No Brasil, defendia-se a idéia de modernidade por meio de um processo de independência cultural enfatizado pela brasilidade da arte pela exaltação física e moral da terra e do povo. Buscava-se, assim, redescobrir o Brasil, ou melhor, buscava-se uma espécie de tomada de consciência, de reconhecimento das raízes do povo brasileiro, do afloramento do nacionalismo.

O fato que levou a criação do movimento Antropofágico foi a tela *Abaporu*, de Tarsila do Amaral (figura 1), que segundo Amaral (s/d) “nenhuma das telas de Tarsila do final dos anos 20



teve o impacto do *Abaporu*, chegando à criação de um movimento, que influenciaria a literatura do tempo”. No dia 11 de janeiro de 1928, Tarsila oferece à Oswald de Andrade, então seu marido, como presente de aniversário, o seu último quadro. Ao vê-lo, Oswald impressionou-se profundamente e chamou o poeta Raul Bopp. Ambos olharam a pintura e

figura 1 - Abaporu

Oswald comentou: “É o homem, plantado na terra”. Mas o quadro ainda não tinha nome. Então recorreram a um dicionário tupi-guarani, que pertencia a Tarsila, e compuseram a palavra Abaporu, na qual *Aba* significa homem e *Poru* que come.

Ainda segundo a autora, Tarsila seguiu “apenas uma inspiração sem nunca prever os resultados. Aquela figura monstruosa, de pés enormes, plantados no chão brasileiro, ao lado de um cacto, sugeriu a Oswald de Andrade a idéia da terra, do homem nativo, selvagem, antropofágico...”. *Abaporu* é hoje o mais famoso e valorizado quadro da arte moderna brasileira.

O líder desse movimento foi o polêmico escritor Oswald de Andrade, que tinha como objetivo resgatar a cultura brasileira pré-cabralina, ou seja, antes da chegada dos portugueses ao Brasil, o resgate da cultura indígena. A inovação, entretanto, residia na idéia da canibalização, isto é, a devoração da cultura estrangeira poderia ocorrer desde que justaposta e adaptada à cultura brasileira.

“A antropofagia foi o conceito mais polêmico que surgiu a partir do movimento modernista da Semana de 22. Mais precisamente, o termo ganhou permanência alguns anos depois, com a publicação do Manifesto Antropofágico, por Oswald de Andrade, em 1928. Ou melhor, no ano 374 da Deglutição do Bispo Sardinha, como queria o anárquico autor de *O rei da vela*. Durante esses 70 anos de canibalismo, a palavra de ordem oswaldiana serviu de mote para outros movimentos de vanguarda – como o concretismo dos poetas Augusto e Haroldo de Campos, o cinema novo de Glauber Rocha, o teatro dionisíaco de José Celso Martinez Corrêa e o Tropicalismo de Caetano Veloso”.

(Cult – Revista Brasileira de literatura, ano II, número 15, out. 1998. São Paulo, p43)

“Desde o Manifesto Pau-Brasil, os vanguardistas pretendiam criar uma arte e uma literatura modernas no Brasil ‘autenticamente nacional’. Mas como renovar, ser moderno, sem copiar os modelos europeus? A Antropofagia aparecia como maneira de conciliar o desejo de abasileiramento, de construir, pela arte, uma identidade cultural própria com a admiração pelas vanguardas européias: no canibalismo, o inimigo era devorado somente se exibisse qualidades especiais; para ser comido e não apenas morto, deveria ter atributos desejáveis como valentia na

luta e coragem na derrota. Assim, a degustação do inimigo possibilitaria a aquisição de suas qualidades através de sua destruição.” (RESENDE, s/d)

Assim, cultivando o mesmo princípio, Oswald de Andrade lançou seu Manifesto Antropofágico com a idéia de alimentar-se de tudo o que o estrangeiro trazia para o Brasil, sugarelhe todas as idéias e uní-las às brasileiras, realizando, assim, uma produção artística e cultural rica, criativa, única e própria.

A REVISTA DE ANTROPOFAGIA

O quadro *Abaporu* junto com a *Revista de Antropofagia* (preparada por Oswald de Andrade, Antonio de Alcântara Machado, e Tarsila do Amaral, entre outros) foi um desdobramento do Primitivismo do Pau-Brasil e uma reação ao nacionalismo Verde-Amarelo. Segundo Antonio Candido e José Aderaldo Castelo (apud Tufano, 2003), “Oswald propugnava uma atitude brasileira de devoração ritual dos valores europeus, a fim de superar a civilização patriarcal e capitalista, com as suas normas rígidas no plano social e os seus recalques impostos no plano social e os seus recalques impostos no plano psicológico.”

O órgão do movimento foi a *Revista de Antropofagia* (1928-1929), que, depois de ter sua publicação independente, tornou-se uma página do jornal *Diário de São Paulo*, abrigando a colaboração de todas as correntes internas do Modernismo.

A *Revista de Antropofagia* teve duas fases ou “dentições”, como chamavam seus participantes. A primeira sob a direção de Alcântara Machado e Raul Bopp (maio/1928 - fevereiro/1929) e a segunda sob liderança de Geraldo Galvão Vaz (março a agosto/1929). Da primeira fase, cujo número 1 foi publicado o *Manifesto Antropófago* de Oswald de Andrade, participaram intelectuais considerados a “nata” do Movimento Modernista, entretanto, nesta fase, a *Revista de Antropofagia* não tinha uma orientação ideológica definida. A ordem era apenas “devorar” as oposições e restringia-se ao campo literário. Já em sua segunda fase, a revista atacaria oposições não só do campo literário, mas também das artes plásticas, da história, da sociedade e da cultura em geral.



Revista de Antropofagia.- Ano 1 - nº 1 - página 7

"Não fazemos crítica literária. Intriga, sim!" - Freuderico - pseudônimo de Oswald de Andrade.

A revista criticava tudo o que não considerasse brasileiro. Queriam ampliar a ruptura, a quebra da cultura considerada “cult”, tradicional iniciada com a Semana de Arte Moderna, em 1922. A idéia era absorver o máximo possível das culturas estrangeiras, devorá-las e, a partir disso, construir uma linguagem própria, nacional, sem amarras. Neste sentido, os textos da Antropofagia tendiam à negação do estilo, da técnica, da organização e construção tradicionais. Faziam da literatura uma “contestação construtiva” (BOAVENTURA, 1985) a partir da subversão do código lógico e lingüístico, apoderando-se de assuntos seriamente tratados pelas publicações tradicionais da época mas, ao mesmo tempo, expressando sua visão particular do assunto.

Os temas abordados pela *Revista de Antropofagia* eram, em sua maioria, desenvolvidos em torno de algum texto já existente, ou se referia, mesmo que sutilmente. A paródia, característica marcante da Revista, torna-se, então, uma espécie de *bricolagem*: constitui-se de materiais já existentes.

Ainda segundo Boaventura (1985):

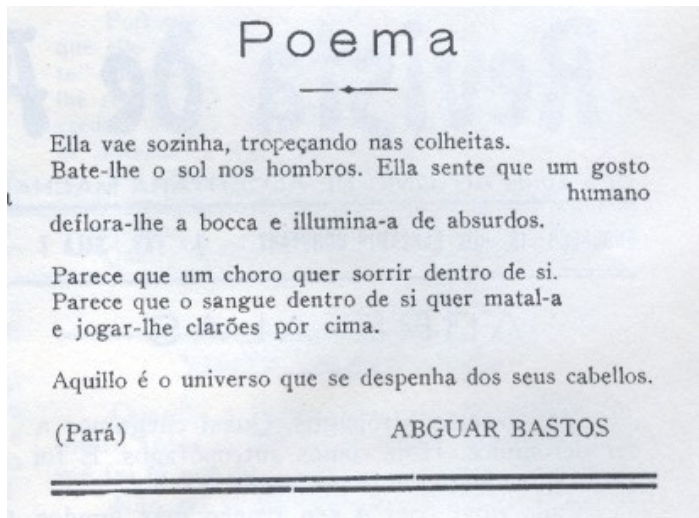
“a paródia na revista processa-se pelo mecanismo de incorporação de textos diversificados. A articulação paródica tanto é detectada na macroestrutura

(no periódico em si) como na microestrutura, isto é, nas contribuições individuais. Essa composição plural deve ser encarada nos seus variados ângulos e implicações. Primeiro, a fim de constatar o notório caráter inovador de uma produção tipicamente de vanguarda, principalmente no segundo período: um caos aparente espalhado numa folha de jornal que se chamava de revista, à espera do trabalho de decifração destinado ao leitor. Em seguida, atentar para o fato de que esses pedaços de texto (parodicamente invertidos, carregados de ironia e truques retóricos, visando à comicidade) às vezes têm apenas o intuito de: a) desmitificar e negar a ação de antigos companheiros do Modernismo; b) servir de recurso para esconder a escassa elaboração e algumas vezes a pobreza de assunto; c) contribuir para o embasamento e apoio à teoria geral da Antropofagia.”

ANÁLISE DA REVISTA DE ANTROPOFAGIA

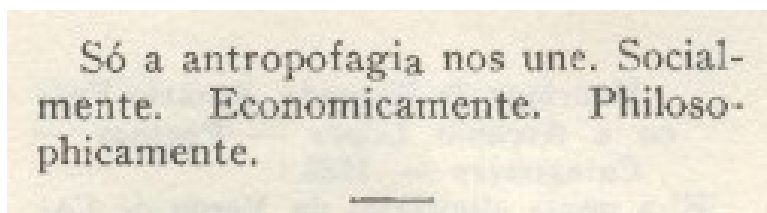
Conforme mencionamos anteriormente, a *Revista de Antropofagia* surge como um instrumento do Movimento Antropofágico, que tem como objetivo divulgar as idéias desta facção modernista.

A seguir, faremos a análise de alguns segmentos do número 1, veiculado em Maio de 1928.



Em *Poema*, de Abguar Bastos, percebemos alguns traços Modernistas como versos livres (sem métrica) e versos brancos (sem rima); traços do Movimento Antropofágico, satirizando a linguagem da época a partir da utilização da linguagem portuguesa do século XII, com a imitação do galego português; “brincando” com a poesia medieval ao fazer alusão à vida campestre e, também, criando imagens oníricas; “flertando” com uma das vanguardas do início do século XX, o Surrealismo.

Destacamos os seguintes trechos do Manifesto Antropófago para análise:



• “Só a antropofagia nos une”: frase irônica e de duplo sentido, em que o autor pretende mostrar que a união surge do compartilhamento de idéias e, ao mesmo tempo, da deglutição do outro, essência do Movimento Antropofágico.

Unica lei do mundo. Expressão mascarada de todos os individualismos, de todos os collectivismo. De todas as religiões. De todos os tratados de paz.

•

Procura mostrar que tudo o que existe é válido desde que “processado” e transformado, por meio da releitura, em um novo produto: um produto nacional.

Tupy, or not tupy that is the question.

•

Da mesma forma, Oswald transforma uma frase clássica da literatura inglesa em uma referência ao Movimento Antropofágico e à cultura nacional, tanto na sonoridade quanto na ortografia, questionando: Ser ou não ser índio?, Ser ou não ser brasileiro?, eis a questão.

Percebemos, ainda, que nos trechos citados, Oswald de Andrade utiliza o português em sua forma arcaica, fazendo uma brincadeira com a língua.

Texto *A Língua Tupy* – Plínio Salgado

A LINGUA TUPY — PLINIO VALGADO

A LINGUA TUPY

A lingua tupy deve ser estudada com um novo criterio. A contribuição de todos os que escreveram grammaticas e dictionarios do idioma falado pelos nossos selvagens é certamente muito valiosa, e serve-nos hoje de inicio para as nossas procuras curiosas. Mas os que estudaram o tupy, nos primeiros seculos da colonização inspiravam-se num criterio arcaico, do mesmo modo que, considerando o indio, tomavam-no sob o ponto de vista da catechese. Periodo de Anchieta, depois de Montoya, de Filgueiras. E é preciso notar o caracter, de utilidade pratica immediata, desses estudos, naquella época. O jesuita tinha necessidade de unificar, tanto quanto possivel, as linguas, num typo geral que servisse ao imperialismo catechista. E a necessidade da comprehensão urgente entre catechumenos e evangelizadores. Essa preocupação utilitaria não podia ter sinão uma orientação grammatical. E sendo o typo humano dos conquistados reduzido pelo dogma á equivalencia intrinseca do conquistador, passava para um segundo plano o estudo do seu espirito e do seu instincto, e da lingua do gentio só se tomavam as conclusões finaes, formas pacificas passivas da traducção. Que o indio, como valor psychologico e social era to-

mado como identico ao homem europeu, não resta a menor duvida. Basta ver-se envergando o habito de Christo, e com o titulo de Dom, que lhe concede Felipe IV, o sr. Antonio Camarão, Poty de nascimento... Aliás, uma bulla papal já declarara, após a descoberta do Novo Mundo, que todos descendiam de Adão e Eva. Os que estudaram o tupy, desde aquelles tempos, não podiam ter outra orientação que não fosse a do seu seculo e a das necessidades prementes.

Muita gente depois veio estudando a lingua de nossos indios, mas com um criterio pratico. São subsidios curtosos. Abanheenga, quer dizer, lingua de homem, lingua de gente, chamavam os tups á sua lingua. O missionario foi unificando, systematizando as pequenas modalidades no nheengatú, ou seja lingua boa. Donde nasceu o tupy-guarany. As outras tribus ficaram falando o seu nheengahyba, lingua ruim. Ruim porque não se submettia á redução classica do nheengatú.

O criterio scientifico para o estudo das linguas americanas procede de Martius e da sua classificação. O ramo brasileiro, que vem denominado na classificação de Frederico Muller "grupo tupy-guarany", é dividido por Martius em nove galhos. Parece-me que ha, dahi por diante, uma curiosidade maior em relação ás linguas selvagens. E em relação ao indio,

tambem. Liga-se o estudo dos idiomas á propria historia do homem. Depois de Lamarck, G. de Saint Hilaire, Darwin e Spencer, estes assumptos tomam um outro aspecto. A ultima tentativa para reduzir o indio á forma europeá, é, talvez, a do nosso chamado indianismo, expressão do romantismo em nossa literatura. Mas essa preocupação lamartinizante dos nossos poetas e romancistas teve a vantagem de chamar a atenção brasileira para o bugre, cercal-o de uma sympathia através da qual pudesse chegar a elle e pesquizal-o melhor. E como esse movimento de Gonçalves Dias e José de Alencar representa o primeiro passo para uma comprehensão melhor do indigena, é justo perdoarmos a esses escriptores os prejuizos inherentes ao seu tempo. E é preciso tambem registrar que, no meio de muita phantazia, ha expressões fieis da psychologia selvagem em muitos trechos da poesia e do romance romanticos.

A opinião do nosso historiador Porto Seguro (Varnhagen), tão hostile á pobre raça dominada, vem logo contrabatida pela sympathia de Couto de Magalhães, de Barbosa Rodrigues, de Baptista Caetano a cuja obra podemos juntar o que tem feito Theodoro Sampaio, Candido Rondon, Alarico Silveira, e outros.

Novos aspectos nos interessam hoje na lingua dos nossos selvagens O da ori-

(Continua na pag. seguinte)

A inserção deste texto no primeiro número da Revista de Antropofagia é uma forma de crítica ao grupo Verde-Amarelista, que fazia oposição ao Movimento Antropofágico ressaltando o contraste de opiniões.

O grupo Verde-Amarelista defendia uma arte isenta de influências estrangeiras ao ponto de ser associado ao fascismo.

Já Oswald e seu grupo defendiam que a influência estrangeira era saudável e necessária, desde que deglutida e transformada em cultura nacional.

Conclusão

Observamos que o Modernismo no Brasil possuiu algumas tendências dentre elas o Movimento Antropofágico, analisado neste artigo. Não queremos dizer que este foi o movimento mais importante, mas percebemos que foi o movimento de maior repercussão na História da Cultura brasileira, em seus múltiplos aspectos literários, musicais, dramáticos, entre outros.

REFERÊNCIAS

AMARAL, Aracy. *Artes plásticas na semana de 22*. São Paulo: Perspectiva, s/d.

BOAVENTURA, M. E. *A vanguarda antropofágica*. São Paulo: Ática, 1985.

BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. São Paulo: Cultrix, s/d.

Cult – Revista Brasileira de literatura, ano II, número 15, out. 1998. São Paulo

SCHWARTZ, Jorge (org.). *Caixa Modernista*. São Paulo / Belo Horizonte: Editora da Universidade de São Paulo / Imprensa Oficial do Estado de São Paulo / Editora UFMG, 2003.

TUFANO, Douglas. *Modernismo – literatura brasileira (1922-1945)*. São Paulo: Paulus, 2003

Futurismo. http://www.artesbr.hpg.ig.com.br/Educacao/11/interna_hpg6.html
. Disponível em 22/09/2005.

GONZAGA, S. O Sentido do Modernismo, 2004
<http://educaterra.terra.com.br/literatura/modernismo/2004/05/17/001.htm>. Disponível em
19/09/2005.

Modernismo: primeira fase – período embrionário
http://www.mundocultural.com.br?literatura1/modernismo/brasil/1_fase/embrionario .
Disponível em 19/09/2005

MONTEIRO, Carolina. As várias faces da antropofagia.
<http://www.usp.br/jorusp/arquivo/2002/jusp625/pag10.htm> . Disponível em 26/09/2005.

NICOLA, J. Modernismo: primeira fase.
<http://vestibular.setanet.com.br/resumos/modernismo1.htm> . Disponível em 19/09/2005.

RESENDE, B. Modernismo Brasileiro: a revolução canonizada.
http://acd.ufrj.br/pacc/z/z_fase_um/rever/1/ensaios/Bresende.html. Disponível em 19/09/2005.

SEED; TV Escola. Entrevista com Bruno Zeni.

<http://www.mec.gov.br/seed/tvescola/Mestres/PDF/revis%E3o->

[m%E1rio%20de%20Andrade%20-%20Bruno%20Zeni.pdf](http://www.mec.gov.br/seed/tvescola/Mestres/PDF/revis%E3o-m%E1rio%20de%20Andrade%20-%20Bruno%20Zeni.pdf) . Disponível em 19/09/2005.